

# ENTRE NARRATIVAS E MEMÓRIAS: O CAMINHO METODOLÓGICO DA HISTÓRIA ORAL NAS PESQUISAS EM ENFERMAGEM

## *BETWEEN NARRATIVE AND MEMORIES: THE METHODOLOGICAL PATH OF ORAL HISTORY IN NURSING RESEARCH<sup>1</sup>*

Silvia Marli Tavares Santos<sup>2</sup>  
Elizabete Rodrigues da Silva<sup>3</sup>

A História Oral experimentou grande crescimento nos anos 1980 com a revalorização das análises qualitativas e ênfase nas experiências individuais e coletivas, destacando-se por trazer à baila temas contemporâneos e debates sobre a memória. No entanto, a História Oral ainda enfrenta desafios sobre sua definição, possibilidades e limitações, ensejando diferentes concepções e abordagens, quais sejam: campo disciplinar, técnica ou metodologia. Essa expansão oferece um convite à reflexão sobre essa metodologia e sua utilização por pesquisadores e estudantes em diversas áreas do conhecimento. Delineou-se como objetivo geral, analisar o uso da História Oral como metodologia de pesquisa nas dissertações de mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia – UFBA, no período de 2010 a 2016. Trata-se de estudo com abordagem qualitativa, efetuada através de pesquisa documental das dissertações de mestrado apresentadas à Escola de Enfermagem e depositadas no Repositório Institucional da Universidade Federal da Bahia – UFBA, que adotaram a História Oral como metodologia. Foram analisados: tema; coerência dos objetivos; realização, condução e tratamento das entrevistas. Buscou-se aferir a centralidade da narrativa e da memória, elementos fundantes da história oral para a reconstrução dos fenômenos estudados. Os resultados apontaram descompassos entre o caminho metodológico e a aplicação da História Oral enquanto metodologia de pesquisa. A entrevista foi usada como instrumento privilegiado para a coleta de dados, contudo distanciou-se das memórias, lugares de subjetividades que guardam e revelam aspectos das relações sociais e culturais, de indivíduos ou grupos, considerando a dimensão da narrativa histórica.

**Palavras-chave:** Metodologia da Pesquisa. Pesquisa Qualitativa. História Oral. Enfermagem.

*Oral History experienced great growth in the 1980s with the revaluation of qualitative analysis and emphasis on individual/collective experiences when contemporary issues and debates about memory stood out. The Oral History still faces challenges on its definition, possibilities and limitations, allowing for different concepts and approaches: disciplinary field, technique or methodology. This expansion offers an invitation to reflect on this methodology and its use by researchers/students in various fields of knowledge. It was outlined as main objective to analyze the use of Oral History as a research methodology in M.D. dissertations of the Federal University of Bahia School of Nursing - UFBA, between 2010 and 2016. This is a documentary research, with a qualitative approach, extracted from Masters dissertations submitted to the School of Nursing and stored at the Institutional Repository of the Federal University of Bahia - UFBA, which have adopted the Oral History as a methodology. Theme, coherence of objectives, accomplishment, conduction and management of interviews were analyzed. We sought to assess the main points of narrative and memory, which are founding elements of Oral History for the reproduction of the phenomena studied. The results showed mismatches between the methodological tools and the application of Oral History as a methodology. The interview is the prime focus as a tool for data collection, apart from memories (subjective storages that hold and reveal aspects of either individual or group social and cultural relations), considering the dimension of the historical narrative.*

**Keywords:** Research Methodology. Qualitative Research. Oral History. Nursing.

<sup>1</sup>Artigo oriundo do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de pós-graduação *latu sensu* em Metodologia da Pesquisa Científica, pela Faculdade Maria Milza – FAMAM.

<sup>2</sup>Especialista em Ciências Humanas e suas Tecnologias – Faculdade Internacional de Curitiba-PR. Professora do curso de História e do curso de Pedagogia da FAMAM. Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4766064T7> E-mail: [silvia23marly@hotmail.com](mailto:silvia23marly@hotmail.com)

<sup>3</sup>Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/ NEIM). Professora da Faculdade Maria Milza – FAMAM. Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4556749Z4> Email: [betysilvaok@yahoo.com.br](mailto:betysilvaok@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos foi possível observar o crescimento da História Oral como metodologia de pesquisa em outras áreas de conhecimento, a exemplo das Ciências Sociais e da Saúde, apesar de sua origem ser no campo do conhecimento histórico. Esta constatação nos convida a aprofundar a reflexão sobre a metodologia da História Oral e sua utilização, por pesquisadores e estudantes, em estudos qualitativos de diversas áreas do conhecimento.

Inicialmente, há que se estabelecer o contexto em que a História Oral teve seu uso ampliado entre os alunos de graduação e até mesmo de pós-graduação e pesquisadores de uma maneira geral. A revalorização das pesquisas qualitativas na década de 1980 foi em grande parte responsável por essa ampliação, uma vez que esta metodologia é uma possibilidade que se aplica às abordagens de natureza qualitativa e/ou mista de pesquisa.

Outro fator que impulsionou a utilização da História Oral foi a ênfase em temas contemporâneos, onde poderiam ser discutidos fatos e fenômenos mais recentes, da chamada história do tempo presente. Nessa perspectiva, maior destaque foi dispensado às experiências individuais e coletivas de indivíduos comuns, onde as práticas cotidianas eram consideradas como possibilidade para a interpretação e entendimento da sociedade.

Esse movimento foi amparado pelo campo da História Social e Cultural, configurando-se em conjunto com consolidação da mudança de paradigmas na produção do conhecimento histórico. A partir dessa ótica analítica, aliada à ampliação das fontes de pesquisa, foi garantida maior credibilidade à História Oral como metodologia de trabalho para o desenvolvimento das pesquisas qualitativas. Entretanto, nesse mesmo período, a História Oral enfrentou, e ainda enfrenta críticas e desafios que envolvem questões de cunho teórico e metodológico.

Nesse sentido, e como resposta ao trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Metodologia Científica, foi desenvolvida uma pesquisa documental, onde foram adotados como critérios de inclusão/exclusão os trabalhos que fizeram uso da História Oral como caminho metodológico, analisando desde a escolha e constituição das fontes orais, sua relação com o tema, coerência com os objetivos de pesquisa e,

especificamente, a realização, condução e tratamento das entrevistas. Buscou-se aferir, nas produções investigadas, a centralidade da narrativa e da memória enquanto elementos fundantes da História Oral para a reconstituição dos fenômenos estudados.

O resultado obtido com a pesquisa é apresentado neste artigo, cujo objetivo maior foi tecer reflexões sobre o uso da História Oral como metodologia de pesquisa, especialmente quando utilizada em outros campos de conhecimento distintos do conhecimento histórico.

### A História Oral: surgimento e percurso

O surgimento do gravador na década de 1940, nos Estados Unidos, possibilitou a primeira experiência com entrevistas gravadas. A partir desse recurso, ampliou-se o uso da técnica para compor um projeto de memórias, onde as figuras importantes para a história dos Estados Unidos eram protagonistas (FERREIRA; VAINFAS; CARDOSOS, 2012).

As décadas de 1960 e 1970 vivenciaram o uso em grande escala da História Oral como possibilidade de dar voz aos excluídos, constituindo-se enquanto forma de ter acesso ao depoimento de sujeitos invisibilizados socialmente. Grupos de historiadores orais se organizaram e os estudos de camadas populares experimentou grande crescimento. Essa perspectiva dá à História Oral um caráter militante, onde o pesquisador faz essa opção política como forma de dar voz aos excluídos da História, pelo menos àqueles não privilegiados pelos estudos com fontes escritas.

Se, de um lado a História Oral foi bem aceita entre historiadores e pesquisadores nos Estados Unidos e na Inglaterra, de outro, enfrentou grande resistência entre os historiadores franceses, cuja preferência pela fonte escrita era declarada. A mudança de cenário ocorre dentro do próprio campo da História. A renovação de paradigmas iniciada a partir da década de 1920 viria, mais tarde, dar novos rumos à produção do conhecimento histórico, dando novo tom à historiografia.

Trata-se do movimento ensejado com a *École des Annales*<sup>3</sup>, com a inserção de novos temas, novos sujeitos, novas possibilidades de fontes, entre outros, renovando os ares e modificando a trajetória da historiografia em vários países. As sucessivas gerações dos *Annales* promoveram uma revolução na maneira de ver, entender e produzir a história, que

<sup>3</sup>Movimento que propiciou a revisão dos paradigmas positivistas, defendendo uma nova concepção para o conhecimento histórico, onde os aspectos econômicos e sociais assumiam lugar privilegiado para a reflexão e escrita históricas, conforme Ciro F. Cardoso (2012).

de narrativa factual, passou a dar ênfase à história-problema, cujo principal objetivo era compreender o desenrolar dos conflitos sociais, das intrincadas redes e relações que permeavam o poder e, por conseguinte, o fazer histórico. O estudo da história como sinônimo de estudo do passado foi gradativamente revisto e modificado, quando a partir de então foi incorporada a problematização ao que anteriormente era meramente narrativo.

Nessa seara, a chamada história do tempo presente apresenta um novo viés de abordagem, onde temas contemporâneos, cujos testemunhos ainda podem ser consultados, passaram a integrar os objetos de estudos de historiadores e pesquisadores. François Bédarida, Eric Hobsbawn, Michel Pollack, René Rémond, importantes historiadores da contemporaneidade, apontam o caminho para o estudo de temporalidades recentes, propiciando a renovação da historiografia. No Brasil, os estudos sobre o período de exceção se sobressaem sustentados pela nova história política, a exemplo dos trabalhos de Denise Rollemberg e Beatriz Kushnir, possibilitam outras interpretações acerca da ditadura militar (AMADO; FERREIRA, 2006; MOTTA; CARDOSO; VAINFAS, 2012).

Desde o surgimento da História Oral, longos têm sido os debates e enfrentamentos em torno da mesma, ensejando reflexões de caráter teórico-metodológico que evidenciam as potencialidades e fragilidades da metodologia nos variados campos de conhecimento, se considerando sua vocação interdisciplinar por excelência (THOMPSON, 2012).

### História Oral: debates e questões

Segundo Delgado (2010), o primeiro embate que a História Oral enfrenta consiste em estabelecer sua definição. A questão refere-se ao estatuto da História Oral, tendo em vista que esta pode assumir a condição de *técnica*, *disciplina* ou *metodologia*, considerando que as três concepções encontram defensores e críticos.

A perspectiva da História Oral como *técnica* reduz a mesma a mero procedimento de entrevista, deixando de lado aspectos teóricos e metodológicos. Os que postulam o *status* de *técnica* voltam seu interesse para os registros feitos com aparelhos de gravação, sua transcrição e posterior conservação em acervos orais. Para estes, inclusive cientistas sociais, a fonte oral serve como coadjuvante em trabalhos que utilizam outras fontes, principalmente fontes escritas (AMADO, 2006).

Em outra frente existem àqueles que concebem a História Oral como *disciplina*,

reivindicando para esta a condição de campo teórico. Essa concepção enfrenta críticas no que tange à condição da História Oral em fornecer respostas para as demandas propostas na investigação. Assim, os próprios defensores dessa concepção reconhecem que a História Oral enfrentaria dificuldades para aprofundar discussões fora do campo teórico da própria História Oral.

Entre os autores que referenciam este trabalho de pesquisa, a concepção da História Oral enquanto *metodologia* é a que mais encontra eco. Segundo essa concepção, a mesma situa-se em plano intermediário, sendo mais que técnica e menos que disciplina pelas questões já apontadas acima. Nesse entendimento, Delgado define a História Oral como:

Um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2010, p. 15).

Ainda nessa perspectiva, Janaina Amado e Marieta Moraes Ferreira, inferem que:

A história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática. Este é o terreno da história oral – o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de *suscitar*, jamais de *solucionar*, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas.

As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre tiveram: na boa e antiga teoria da história (AMADO; FERREIRA, 2006, p. xvi).

Enquanto metodologia, a História Oral elege a entrevista como o ponto central do procedimento de pesquisa e é a partir dela que o trabalho se consolida. A escolha dos depoentes, o tratamento das narrativas, o estabelecimento da relação entre a

memória e o vivido, entre o lembrar e as leituras de mundo realizadas pelos sujeitos, constituem elementos primordiais para o uso da História Oral como metodologia de pesquisa, que se referenciam no corpo teórico que lhe dá sustentação.

Outra questão que sempre foi ponto de questionamento dos críticos da História Oral diz respeito à questão das subjetividades que envolvem o processo de pesquisa que tem na História Oral sua condução metodológica. Desde os primórdios da metodologia, as fontes orais foram rejeitadas por aqueles que viam apenas nas fontes escritas a validade garantida por uma pretensa “objetividade” atribuída a esse tipo de fonte.

Dentre as características da História Oral, a interação entre o pesquisador e a fonte durante a realização da entrevista há de ser considerada. O pesquisador precisa atentar para o contexto do qual faz parte aquele sujeito, dito de outra forma, ao seu “lugar de fala”. O pesquisador interpreta as narrativas produzidas pela fonte, sendo que estas narrativas são forjadas a partir das experiências vividas, das leituras de mundo daquele sujeito, das interpretações e das relações de poder que se estabelecem no cotidiano dos indivíduos.

A questão acerca da objetividade/ subjetividade das fontes é recorrente. Nenhuma garantia sobre uma pretensa neutralidade pode ser atribuída à fonte escrita, ou a qualquer outra – iconográfica, fotográfica, arqueológica, audiovisual, entre outras. Muito pelo contrário, em se tratando de produções humanas, estão tão sujeitas às subjetividades de quem as produziu quanto às fontes orais (PORTELLI, 1997).

Essa discussão remete à própria pretensão que outrora se julgou possível: a neutralidade da ciência. A ideia de um pesquisador que não seria influenciado pela sua formação acadêmica, pelo contexto em que está inserido, pela militância que desenvolve e assim por diante, é premente inclusive entre os integrantes das chamadas “ciências duras”<sup>4</sup>, tendo em vista que o caminho da pesquisa, independentemente da natureza quantitativa ou qualitativa, envolve escolhas teóricas e metodológicas.

Com isso, não estamos a dizer que não se deve perseguir o rigor científico que esse tipo de produção do conhecimento exige, tão somente vislumbramos a própria essência subjetiva do ser humano – seja ele um cientista ou não.

## **História Oral: uma metodologia qualitativa**

A abordagem qualitativa de pesquisa almeja o encontro com o singular, não lhe interessando quantificações e mensurações generalizantes. Seguindo essa lógica, esse tipo de abordagem apresenta como característica fundante a análise dos fenômenos de forma aprofundada, buscando compreender as leituras, sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos aos processos sociais vivenciados.

Qualquer abordagem de pesquisa elege suas metodologias, técnicas e instrumentos de coleta de dados, os quais devem buscar atender aos objetivos para o estudo da temática proposta. Há que se pontuar, acerca da abordagem qualitativa, outra característica intrínseca à sua composição: a flexibilidade. O caminho metodológico é traçado quando da escolha do objeto. No entanto, dado o seu caráter flexível, pode ser revisto durante o próprio curso da investigação.

Dentre as várias possibilidades de metodologia da abordagem qualitativa, este trabalho debruçou-se sobre a reflexão da História Oral como opção metodológica. A partir desse entendimento, utilizamos a proposição adotada por Delgado quando esta afirma que:

A história oral inscreve-se entre os diferentes procedimentos do método qualitativo, principalmente nas áreas do conhecimento histórico, antropológico e sociológico. Situa-se no terreno das contrageneralizações e contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas (DELGADO, 2010, p. 18).

Esta compreensão permite perceber que a singularidade é marca inerente dos depoimentos de História Oral, revelada a partir de pontos de vista, narrativas diferenciadas, subjetividades múltiplas que traduzem visões particulares de processos e vivências coletivas.

Toda metodologia de pesquisa deve considerar as potencialidades, limitações e desafios para dar conta de um objeto de estudo, incluindo nesse bojo a História Oral. Entre as potencialidades podemos listar: a recuperação de diferentes memórias (locais, comunitárias, étnicas, de gênero, entre outras); o registro de visões ou testemunhos divergentes da história oficial ou fatos já anteriormente analisados; propiciar alternativas às fontes escritas; possibilitar o estudo de novos

<sup>4</sup>Ciências Exatas – que apresentam a objetividade critério a ser perseguido, inclusive na questão metodológica.

campos e temas de pesquisa, entre outros (DELGADO, 2010).

Em contrapartida, as limitações e desafios também existem: a impossibilidade de aplicação da metodologia para temas não contemporâneos; o tratamento da subjetividade constitui desafio por ocasião da análise dos dados; busca de fidelidade para a transcrição das entrevistas; dificuldade em registrar expressões e emoções em entrevistas não registradas em vídeo, para citar alguns. Outros desafios são apresentados na obra de Delgado (2010, p. 20).

O instrumento de coleta de dados da História Oral é a entrevista, cuja tipologia pode ser a história de vida ou temática. A primeira evidencia a trajetória de sujeitos (anônimos ou públicos) que fizeram parte de processos de movimentos políticos, sociais, culturais, etc. São os chamados depoimentos biográficos. Segundo Delgado, “as histórias de vida são fontes primorosas na reconstituição de ambientes, mentalidades de época, modos de vida e costumes de diferentes naturezas” (DELGADO, 2010, p. 22). Essa argumentação permite inferir que, a partir desse tipo de entrevista, é possível “desenhar” um cenário, uma época, um evento que, por sua vez, possibilitam uma interpretação da realidade investigada.

A entrevista temática, como o próprio nome sugere, versa sobre experiências ou processos que foram vividos ou testemunhados pelos sujeitos entrevistados. A partir dos relatos é possível reconstituir fatos e/ou fenômenos, sempre considerando a subjetividade já mencionada anteriormente, buscando os possíveis pontos de convergência/divergência ou singularidades percebidas durante as entrevistas.

A realização da entrevista deve ser precedida por um planejamento, onde devem ser observados todos os critérios para que a mesma aconteça da forma mais tranquila possível. É momento de encontro entre pesquisador e objeto de pesquisa, cujo produto final é resultado da interação entre ambos. Antes de qualquer coisa, o entrevistado deve ser colocado como integrante do processo de pesquisa e deve ser esclarecido de todas as condições e desdobramentos da pesquisa, do que ao final assinará termo de consentimento em que manifesta sua anuência em participar do projeto, bem assim a divulgação dos resultados obtidos.

A escolha dos entrevistados deve ser orientada pelas necessidades da pesquisa, devendo ser considerada a idade ou relevância do depoente para o entendimento da temática. A razão para isso é simples: depoentes de maior idade possuem a

probabilidade de possuir maiores informações; bem assim os depoentes que tiveram uma participação mais ativa no fenômeno investigado. Essa postura é de grande valia para o “descobrimento” de novas fontes de pesquisa, tais como registros iconográficos, cartas, documentos particulares, livros antigos, ou até mesmo indicar potenciais depoentes para a coleta de dados.

As entrevistas de História Oral são essencialmente narrativas, devendo para tanto, constituir-se a partir de um roteiro de entrevistas semiestruturadas, onde o pesquisador elencará os pontos chave para a resolução de suas questões de pesquisa. Por ser semiestruturada, permite ao pesquisador conduzir possíveis desdobramentos das questões norteadoras, e ao mesmo tempo retomar o curso em narrativas que fujam das questões principais. Quando se tratar de histórias de vida, as entrevistas devem ser preferencialmente abertas.

Para a elaboração do roteiro de entrevista, será necessário o amplo conhecimento do tema, consolidado a partir de revisão bibliográfica e investigação prévia do problema de pesquisa. A entrevista deve ser realizada, de preferência, por duas pessoas – uma responsável pela condução da entrevista e outra pela operação dos equipamentos. Há a imprescindível necessidade de um caderno de campo onde deverão ocorrer os registros de emoções, risos, choro, ou qualquer outra reação que seja imperceptível apenas com o registro em áudio.

Após a coleta de dados, segue-se à sua transcrição que deve acontecer no menor espaço de tempo possível para garantir que as informações não se percam. De posse do material escrito, há a necessidade de conferência de fidelidade com a leitura e audição simultâneas do que foi transcrito. A partir daí parte-se para a análise do material coletado que deve estar ancorada nos referências teóricos definidos para a condução da investigação.

### **A entrevista de História Oral: um encontro com as memórias**

A entrevista como instrumento de pesquisa, no âmbito da História Oral, se configura como elemento crucial do processo de investigação. Esta, mais que mera coleta de dados através da fonte oral, é o caminho que permite ao pesquisador “acessar” as informações e pontos que se revelam através das memórias dos entrevistados. Assim, é fundamental dedicar uma seção específica para tratar da entrevista como técnica e instrumento de pesquisa na História Oral, tendo em vista que ela pressupõe mais que a busca de registros orais a partir de um

aparelho de gravação.

Ao falar de História Oral, estamos falando de relatos de memórias que são revelados através das narrativas. Nesse sentido, os construtos que envolvem a memória precisam ser levados em consideração pelo pesquisador, considerando que a memória está diretamente ligada à construção da identidade social dos indivíduos, dando-lhes sentido de pertença a um grupo ou comunidade. Essa perspectiva é defendida por Michael Pollak, quando este argumenta que:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 19).

Diante desta assertiva, não podemos nos furtar a reconhecer e manifestar a condição de coletividade inerente ao que está estabelecido como memória, pressupondo ainda uma temporalidade e espacialidade que garantem a singularidade de um grupo/comunidade, suas experiências e práticas cotidianas, configurando os vários matizes do tecido social que os fazem pertencer a um tempo e lugar.

Desde sua gênese, a História Oral estabelece estreita ligação com a memória. Esse ponto de vista é defendido por Delgado, quando a mesma manifesta que:

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida (DELGADO, 2006, p. 16).

A inferência da autora acima nos permite chamar à atenção para o fato de que o historiador/pesquisador deve voltar-se tanto para o que é dito, como para o que é silenciado. Essa

prerrogativa aparece com nitidez em estudos contemporâneos sobre conflitos em vários lugares, sendo bastante utilizada por historiadores como metodologia de pesquisa no pós-guerra. O desvelar de uma memória expressa por relatos orais permite “acessar” pontos de vista sobre fatos e eventos, não só pelo que é contado, mas também pelo que foi sublimado pelas vias do esquecimento porquanto dolorosas suas lembranças (POLLAK, 1989).

## **METODOLOGIA**

O presente artigo foi o produto final da pesquisa documental realizada através de levantamento das dissertações de mestrado depositadas no Repositório Institucional da Universidade Federal da Bahia – UFBA, apresentadas à Escola de Enfermagem da referida instituição.

Considerando a produção acadêmica da referida unidade, estabeleceu-se o recorte de 2010-2014, por ser o que se encontrava disponível para pesquisa. Seguindo os caminhos da pesquisa documental, foram levantados os trabalhos que fizeram uso da história oral como caminho metodológico, analisando a forma de trabalho dos pesquisadores, em especial na escolha e na constituição das fontes orais, sua relação com os temas e objetivos de pesquisa e, mais especificamente, na realização, condução e tratamento das entrevistas. Buscou-se aferir, nas produções investigadas, a centralidade da narrativa e da memória enquanto elementos fundantes da história oral para a reconstituição dos fenômenos estudados.

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A proposta deste trabalho foi analisar a utilização da História Oral como metodologia em pesquisas fora do campo da História. Essas inquietações partem do entendimento de que, para ser tratada como metodologia, a História Oral precisa ser encarada para além do que apenas técnica de entrevista. Sobre esse aspecto, defendemos que, ao ser utilizado como instrumento de coleta de dados de uma investigação científico-acadêmica, constitui-se como meio através do qual emergem as memórias de um tempo, de um lugar, de um grupo social, que vem à tona através das narrativas.

## **A metodologia nas dissertações de mestrado: reflexões sobre o caminho percorrido**

Para iniciar a análise dos documentos faz-se necessário recorrer aos conceitos que norteiam o fazer metodológico próprio da História Oral, como memória e narrativa, pois como nos diz Ferreira:

O objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes, e a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes; a narrativa, a forma e organização do discurso são valorizadas pelo historiador, pois, como lembra Alessandro Portelli, fontes orais são fontes narrativas (FERREIRA, 2012, p. 172).

Nessa perspectiva, julgamos ser pertinente e necessário refletir sobre o uso da História Oral nos trabalhos que seguem e que serviram de fonte documental para a presente investigação. A primeira categoria de análise considerou a adequação entre o tema e o objeto dos estudos, tendo em vista que é esse o ponto de partida para a escolha do caminho metodológico. Assim, passamos a expor brevemente os temas tratados nos trabalhos:

O primeiro deles tem como título *A Deficiência Visual para os Adolescentes: O Olhar da Enfermeira*, no qual a autora busca o significado da deficiência visual para um grupo de adolescentes de uma instituição em Salvador.

O segundo trabalho avaliado trouxe como tema *O significado do Cuidar/Cuidado Paliativo de Idosos Hospitalizados: História Oral de Enfermeiros* (há que se fazer a ressalva que consta como data da apresentação o ano de 2006, contudo foi encontrada como depositada no ano de 2013). Trata do cuidado paliativo de idosos, na percepção de onze enfermeiras que figuram como sujeitos da pesquisa.

A dissertação intitulada *História Oral de adolescentes grávidas em situação de violência doméstica* (conforme justificativa anterior consta como data da apresentação o ano de 2012, contudo foi encontrada como depositada no ano de 2013), versa sobre a gravidez na adolescência, cuja vivência de violência doméstica é experimentada pelas adolescentes entrevistadas na pesquisa. Os dados são levantados a partir das histórias de vida das adolescentes.

A dissertação intitulada *Vivenciando o cuidado perioperatório de Enfermagem* foi defendida em 2006, porém encontra-se com data de depósito de 2013. O trabalho trata das vivências perioperatórias

de cuidados de enfermagem por pacientes submetidos a cirurgias gerais eletivas, nas palavras da autora.

O trabalho intitulado *Ritual do Cuidar de Idosos com Demência de Alzheimer* apresentou como sujeitos da pesquisa vinte cuidadores familiares de idosos portadores de Alzheimer, com defesa em 2010, porém depositada em 2013, abordando os rituais de cuidar dispensados aos idosos.

Por fim, a dissertação intitulada *Dinâmica Familiar de Idosos com Comprometimento da Capacidade Funcional*, cuja perspectiva versa sobre compreensão da dinâmica familiar de idosos com comprometimento da capacidade funcional, foi realizada com a participação de quinze idosos.

Nosso intuito neste trabalho não consiste em avaliar a relevância dos temas, que certamente propiciam embasamento para a formação profissional de enfermeiros/as. Trata-se apenas de refletir sobre o caminho metodológico escolhido para o alcance dos objetos de pesquisa, a saber, a escolha da História Oral como metodologia de trabalho. À priori, há que se considerar que o objeto deve ser o norteador da escolha metodológica, inferindo que os trabalhos acima estão distantes do que seria mais apropriado para a metodologia da História Oral.

Muito embora seja amplamente utilizada fora do campo da História, especialmente pela Antropologia, Sociologia, Educação, das Ciências Sociais de forma geral e até mesmo da Saúde, destacando novamente sua vertente interdisciplinar, os objetos investigados a partir da metodologia acima devem apresentar historicidade, isto é estarem inseridos em uma temporalidade e considerar o contexto no qual os fenômenos/sujeitos se situam.

Os objetos de estudo apresentados não estabelecem recortes temporais em qualquer um deles, dando um caráter generalista ao estudo, incorrendo em desvio do que preceitua a História Oral, que se define pela interpretação das memórias – entendendo nesse aspecto o que é manifestado ou silenciado, que emergem através das narrativas dos sujeitos, sobre um dado momento e espaço.

Tendo sua fundamentação no campo da História, é imprescindível que a História Oral estabeleça relação íntima com a memória, ou mais além, com as memórias, considerando a singularidade que permeia a metodologia e as subjetividades dos sujeitos. Nesse sentido, os trabalhos elencados acima deixaram de estabelecer temporalidades que certamente influenciaram suas

percepções e interpretações. Assim, recorreremos ao que aponta Delgado ao manifestar que:

As narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, alimentam-se. [...] Narrativa, sujeitos, memórias, histórias e identidades. São a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a História em construção. São memórias que falam (DELGADO, 2010, p. 44).

Como segunda categoria analítica, foi avaliado o desenvolvimento da metodologia da História Oral apresentada nos trabalhos. De forma geral, os trabalhos foram tipificados como história de vida ou temática. A partir daí foram construídos os roteiros de entrevista, qualificada como sendo semiestruturada, por permitir ao mesmo tempo a liberdade de desdobrar as questões norteadoras, se assim desejar o pesquisador. Do quanto avaliado, foram respeitadas as etapas para a realização das entrevistas, com o amplo esclarecimento dos entrevistados acerca da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE.

A terceira categoria de análise diz respeito à condução e tratamento das entrevistas. A partir daí é que, a nosso ver, a metodologia não foi adequadamente utilizada, possivelmente pela circunstância delimitada pelo distanciamento entre os temas, os objetivos e a História Oral. Os objetos estudados apresentam-se sem historicidade, vez que não estabelecem a necessária relação entre a percepção individual e o contexto social mais amplo que necessariamente devem ser precedidos de temporalidades e espacialidades.

A metodologia em questão requer que a memória seja vista como ponto de partida para a produção do saber. A ausência de reflexão sobre as memórias dos sujeitos implica no descaminho para uma visão generalizante do fato, numa perspectiva linear, sem considerar a autonomia dos depoimentos e narrativas. Sobre essa ótica, parece-nos importante atentar para o que diz Alessandro Portelli, quando o mesmo explica que:

A história oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. “Parcialidade” aqui permanece simultaneamente como

“inconclusa” e como “tomar partido”: a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os “lados” existem dentro do contador. E não importa o que suas histórias e crenças pessoais possam ser, historiadores e “fontes” estão dificilmente do mesmo “lado”. A confrontação de suas diferentes parcialidades – confrontação como “conflito” e confrontação como “busca pela unidade” – é uma das coisas que faz a história oral interessante (PORTELLI, 1997, p. 39).

Essa dificuldade pode se estabelecer a partir do entendimento do que é História Oral, uma vez que entre os próprios pares do campo do conhecimento histórico existem divergências acerca do status que ela possui. No tocante aos trabalhos analisados, a ênfase nos pareceu ser a História Oral concebida enquanto técnica. O foco foi o relato oral, sem o estabelecimento das relações que permeiam a História Oral como metodologia. Em nenhum dos trabalhos a memória foi erguida a lugar de destaque para a compreensão do objeto, comprometendo a utilização da História Oral declinada como metodologia.

Outro aspecto que evidencia o distanciamento entre o uso da História Oral como metodologia configura-se pela ausência de referências bibliográficas sobre o assunto. Autores importantes não aparecem na revisão de literatura, o que, talvez, seja a explicação para a não observação dos conceitos e definições sobre memória. Essa constatação nos remete a um pressuposto já consagrado para a construção do conhecimento que consiste no necessário e salutar diálogo entre as áreas considerando que, no caso analisado, trata-se de pesquisas de diferentes campos – ou, mais especificamente, de pesquisas que envolvem objetos do campo da Saúde e metodologia do campo da História.

## **CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SE PRETENDEM FINAIS**

Eis que é chegada a hora de tecer o que seriam as considerações – que estão longe de serem finais, tendo em vista a prerrogativa democrática do conhecimento científico, qual seja abrir espaço para o contraditório. Constitui ponto pacífico que esse tipo de conhecimento não se encerra em si mesmo, devendo possibilitar o debate, fato este que garante a validade e consolida a transitoriedade da ciência e



seu produto.

Assim, a partir da avaliação realizada e da argumentação desenvolvida foi possível verificar que os trabalhos não atendem aos requisitos da metodologia de História Oral, considerando estarem ausentes elementos que defendem a intrínseca relação entre História Oral e memória. Melhor seria falar a relação entre História Oral e memórias, dada à multiplicidade das manifestações expressas através dos relatos e narrativas.

Em nossa concepção, e considerando ainda os objetos declinados, a entrevista semiestruturada ofereceria o suporte necessário para o levantamento das memórias pretendido pelos autores, sem a menção de que a metodologia estava ancorada teoricamente pela História Oral. Para tanto, as discussões em torno das memórias, da centralidade da entrevista narrativa como mecanismo para “escavar” as camadas de memória são preponderantes para um resultado que alie a pertinência entre o tema de estudo e o caminho escolhido para alcançá-lo, pois somente assim se chegará à resolução das questões pretendidas.

O fazer científico é permeado de escolhas que perpassam campos de conhecimento, concepções teóricas, objetos de estudo, metodologias diversas. Metodologicamente falando, é o objeto de estudo o grande mestre para as decisões que envolvem qual caminho trilhar, como transpor os obstáculos, como transportar o pesquisador com relativa segurança. Tudo se delinea a partir dele. Enquanto procedimento de abordagem qualitativa, defendemos que a História Oral pode e deve ser utilizada em pesquisas distintas da pesquisa histórica, desde que o objeto permita e possa ser contemplado por essa metodologia, sendo inevitável o encontro com as memórias.

## FONTES DOCUMENTAIS

AMARAL, Juliana Bezerra. **O significado do Cuidar/Cuidado Paliativo de Idosos Hospitalizados: História Oral de Enfermeiros**. Salvador, 2006. Dissertação de Mestrado. Pós Graduação em Enfermagem. Escola de Enfermagem. Universidade Federal da Bahia, 2006.

COSTA, Laura Emmanuela Lima. **A Deficiência Visual para os Adolescentes: O Olhar da Enfermeira**. Salvador. Dissertação de Mestrado. Pós Graduação em Enfermagem. Escola de Enfermagem. Universidade Federal da Bahia, 2010.

MOTA, Rosana Santos. **História Oral de adolescentes grávidas e, situação de violência doméstica**. Salvador. Dissertação de Mestrado. Pós Graduação em Enfermagem. Escola de Enfermagem. Universidade Federal da Bahia, 2012.

OLIVEIRA, Roseane Conceição Ribeiro de. **Vivenciando o cuidado perioperatório de Enfermagem**. Salvador. Dissertação de Mestrado. Pós Graduação em Enfermagem. Escola de Enfermagem. Universidade Federal da Bahia, 2006.

RAMOS, José Lucio Costa. **Ritual do Cuidar de Idosos com Demência de Alzheimer**. Dissertação de Mestrado. Pós Graduação em Enfermagem. Escola de Enfermagem. Universidade Federal da Bahia, 2010.

REIS, Luana Araújo dos. **Dinâmica Familiar de Idosos com Comprometimento da Capacidade Funcional**. Dissertação de Mestrado. Pós Graduação em Enfermagem. Escola de Enfermagem. Universidade Federal da Bahia, 2013.

## AGRADECIMENTOS

Não seria possível encerrar este artigo sem agradecer aos professores ministrantes e colegas os profícuos momentos de reflexão que tiveram lugar durante o curso de Especialização em Metodologia Científica promovido pela Faculdade Maria Milza – FAMAM. Em especial, ao amigo e historiador Hamilton Rodrigues dos Santos, pelo encantamento com a História Oral e pela generosa disponibilidade em compartilhar seu tempo, conhecimento e saberes sobre ela.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coordenadoras). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2006.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. 9. ed. Petropolis, RJ. Vozes. 2013.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: Memória, tempos, identidades**. 2. ed. Belo Horizonte. Autêntica. 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: velhas questões, novos desafios. In.: CARDOSO, Ciro

Flamarion; VAINFAS, Ronaldo.(Orgs.) **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro. Elsevier. 2012.

LAVERDI, Ronaldo et al. **História Oral, desigualdades e diferenças**. Recife. Editora Universitária da UFPE/ Florianópolis-SC, Editora da UFSC. 2012.

MOTTA, Marcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo.(Orgs.) **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro. Elsevier. 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. 2. reimpressão. São Paulo. Contexto. 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi, (Organizadora). **Fontes Históricas**. 3. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 5, nº. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em 07/03/2016.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 2, nº. 3, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> Acesso: 02/02/2016

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. **Projeto História**. São Paulo. Fevereiro. 1997.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. Tradução de Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira. **Revista de História Oral**. Vol. 5, 2002, p. 10. Disponível em <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=47&path%5B%5D=39>. Acesso em 11/03/2016.

\_\_\_\_\_. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.